
EDUCAÇÃO NA TERCEIRA IDADE*

TERESA CRISTINA BARBO SIQUEIRA** KELLEN CASTRO
SILVA***

Resumo: discute o entendimento e percepção da terceira idade e sua representação psicossocial. Reconhece a tentativa do organismo, como um ser capaz autogerir, rumo à autonomia, diante a uma sociedade que caminha a cada dia para o individualismo. A educação é um projeto emancipatório e de evolução, que procura apreender os significados da pessoa idosa, nos aspectos físicos, psicológicos, sócio-culturais e econômicos.

Palavras-chave: Envelhecimento. Terceira idade. Educação emancipatória. Sociedade. Políticas públicas.

No livro *A Velhice* (2003, p.8) Beauvoir afirma que para sociedade: “a velhice aparece como uma espécie de segredo vergonhoso, do qual é indecente falar” mais a frente continua “...fora das obras especializadas, as alusões à velhice são muito raras”. Dessa forma, educadores, psicólogos, profissionais da saúde, profissionais cuidadores necessitam refletir sobre a velhice. A velhice é um resultado dinâmico de um processo global de modificações progressivas e incessantes no funcionamento do organismo, fazendo com que o indivíduo tenha dificuldades em se adaptar ao meio ambiente e tornando-o conseqüentemente mais vulnerável às doenças.

Socialmente, a função da velhice é de lembrar e dar expressão às suas lembranças, sendo o papel da memória valorizado entre os mais velhos, pois suas lembranças constituem patrimônio coletivo, expresso e revivido permanentemente no contato com novas gerações. Porém, nossa sociedade consumista oferece pouca oportunidade ao idoso para exercitar e

* Recebido em: 16.10.2012.
Aprovado em: 17.10.2012.

** Coordenadora da pesquisa *A Corporeidade-Subjetividade do Licenciado de Pedagogia Formado/a pela PUC GOIÁS frente às demandas do mercado de trabalho*, no Programa de Mestrado da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Professora no Departamento de Educação, Psicologia, UNATI e no Programa de Mestrado da PUC Goiás.

** Graduada em Psicologia pela PUC Goiás, fez estágio na UNATI PUC Goiás no período de 2009, atua na área Organizacional e Clínica.

ativar a lembrança. O ciclo permanente de produção e de consumo exige a destruição e o desaparecimento do que foi produzido no passado e a criação permanente de novas formas de produção e consumo, o material humano só interessa enquanto produz.

Os velhos que não têm poder econômico dificilmente conseguem fazer valer seus direitos e são incapazes de suprir a suas necessidades, representa sempre uma carga. Em nossa sociedade nada difere da ideia descrita por Simone de Beauvoir (2003, p.10) quando afirma que: “[...] se os velhos manifestam os mesmos desejos, os mesmos sentimentos, as mesmas reivindicações que os jovens, eles escandalizam; neles amor, o ciúme parecem odiosos ou ridículos, a sexualidade repugnante, a violência irrisória.” Assim os velhos devem dar o exemplo de todas as virtudes. Antes de tudo, exige-se deles a serenidade; afirma-se que possuem essa serenidade, o que autoriza o desinteresse por sua infelicidade. A imagem sublimada deles mesmos que lhes é proposta é a do sábio de cabelos brancos, rico de experiência que é capaz de dominar a condição humana; se dela se afastam, caem no outro extremo: a imagem que se opõe à primeira é a do velho louco que caduca e delira e de quem as crianças, jovens e adultos zombam. De qualquer maneira, por sua virtude ou pelo seu aviltamento, os velhos situam-se fora da humanidade. Pode-se, portanto, sem escrúpulos, recusar-lhes o mínimo julgado necessário para levar uma vida humana.

A Biologia descreve algumas etapas que fazem parte do desenvolvimento humano como: concepção, desenvolvimento intra-uterino, nascimento, infância, adolescência, maturidade, velhice e morte. Cada etapa tem um desenvolvimento determinado por perdas ou ganhos em nossa qualidade de vida.

[...] a velhice aparece como uma desgraça: mesmo nas pessoas que consideramos conservadas, a decadência física que ela traz salta aos olhos. Pois a espécie humana é aquela em que as mudanças causadas pelos anos são as mais espetaculares [...] (BEAUVOIR, 2003, p. 12).

O indivíduo sofre as consequências de sua classe social, grupo profissional, cultural e outros fatores, que podem encurtar ou prolongar sua vida, ou seja, de acordo com os recursos financeiros, sua profissão, a maneira como vive e cuida de sua saúde, seu corpo, etc. Tudo isso influi no processo da longevidade. O tempo decorrido desde o nascimento de um indivíduo até sua morte, chama-se idade cronológica. A idade social de uma pessoa, não coincide com sua idade cronológica, nem com sua idade biológica. Ela é determinada em função da sua vivência, educação e história de vida. Viver bem com sua própria idade e envelhecer tirando proveito do processo degenerativo de todas os órgãos de nosso corpo não é um processo muito fácil, porém, o que faz uma pessoa estar saudável ou não é a capacidade de seu organismo responder às necessidades do dia-a-dia independentemente de sua idade cronológica, biológica ou social.

Envelhecer é um processo que atinge o corpo todo. As alterações consideradas normais podem provocar desconforto e dificuldades para a vida diária, devendo, na medida do possível, serem minimizadas, pois o idoso normalmente está numa situação de perdas contínuas tais como: a perda de status em função da aposentadoria, maior frequência de doenças, declínio físico, cognitivo social e afetivo.

O APARECIMENTO DO TERMO TERCEIRA IDADE

Terceira Idade é uma expressão que recentemente e com muita rapidez popularizou-se no vocabulário brasileiro. A expressão, de acordo com Laslett (1987), originou-se na

França com a implantação, nos anos 70, das *Universitésdu T'roisième Âge*. Esta expressão logo ganhou adeptos e aceitação geral, uma vez que trouxe junto a referência às pessoas idosas, sem o menosprezo dos vocábulos, velho, idoso e outros.

Moody (1989) apresenta quatro modelos relacionados aos modos de entender e perceber a terceira idade reafirmado por Oliveira (1999), quais sejam: modelo de repulsão, de serviços sociais, de participação e de auto-realização.

Na primeira concepção ou estágio denominado de repulsão ou rejeição observa-se atitudes negativas na sociedade frente ao envelhecimento. O idoso é percebido como um indivíduo incapaz, que apresenta declínio físico, cognitivo.

O segundo estágio refere-se à percepção da velhice relacionada com os serviços sociais, ligados principalmente ao lazer. Trata-se do entretenimento do idoso, mantendo-o ocupado com várias atividades numa perspectiva de consumidores, que não mais produzem nesta sociedade capitalista, mas que podem consumir e muito. A indústria farmacológica, por exemplo, traz produtos que retardam o envelhecimento, fortalece o corpo, energiza, entre outros.

O terceiro estágio diz respeito à participação, onde o idoso assume novos papéis ativos, criteriosamente selecionados de tal forma que se tornam fundamentais para uma vida exitosa. No quarto estágio denominado auto-realização, a terceira-idade é descrita como um período de crescimento e desenvolvimento da criatividade, com avanços pautados na experiência acumulada ao longo de suas vidas. É um período em que o indivíduo pode colocar em *prática muitos projetos, planos* e possibilidade de desenvolvimento de muitas atividades que, até então, não puderam ser realizadas buscando a satisfação pessoal, o crescimento, a concretude de realizações.

Cada um desses estágios traz embutido uma concepção de mundo, sociedade e educação. A sociedade capitalista baseia-se na produtividade, visando o lucro. No primeiro estágio, o idoso é considerado improdutivo, excluído do sistema de produção. Nessa organização acentua-se o individualismo que leva a atomização e dispersão dos indivíduos.

No segundo estágio, o idoso é incentivado a participar de grupos, a andar na moda, apresentar-se mais jovem, há também uma procura de lazer, objetivando o prazer imediato, ao mesmo tempo que há uma dispersão nas questões públicas e políticas. A propaganda da indústria do lazer se faz presente nas escolhas e modismos, que manipula o gosto, determinando as escolhas. Num mundo que predomina a produção alienada, também o consumo tende a ser alienado e conseqüentemente este processo reflete na educação. Sobretudo, as necessidades são artificialmente estimuladas, e, desta forma, a obsolescência dos objetos favorecem as trocas por algo mais novo.

No terceiro estágio, a educação assume um papel importante no sentido de acompanhar as mudanças e as evoluções da sociedade, participando do seu ritmo acelerado.

No quarto estágio, as atividades e a participação social são valorizados e auxiliam a melhora funcional dos indivíduos dessa faixa de idade. Há também uma valorização da criatividade, do crescimento cognitivo, da reflexão. O lazer torna-se ativo, isto é, se caracteriza pela participação integral do homem como ser capaz de reflexão, de escolhas e de crítica.

Ainda hoje, frente a terceira idade, percebe-se a falta de prioridade e ausência de políticas públicas que evidenciem autonomia e respeito a esse grupo de pessoas. A proposição de políticas demanda conhecimento de causa e há pouca preocupação com questões da terceira idade. Há, sim, políticas públicas emergenciais, assistencialistas, localizadas, e nada de caráter preventivo, a não ser alguns poucos trabalhos educativos desenvolvidos em algumas instituições.

A inatividade profissional dos indivíduos considerados idosos é o fator que acarreta maiores mudanças em relação a um estilo e ritmo de vida, exigindo grande esforço de adaptação. Parar de trabalhar significa a perda da identidade profissional, e, por conseguinte, a perda de papéis junto à família e à sociedade. O distanciamento do aposentado em relação à convivência com vários grupos, faz com que a sociedade também se distancie dele, deixando de convidá-lo a participar e não reconhecendo a sua existência social (VALENTINI; RIBAS, 2003).

SOBRE A REPRESENTAÇÃO SOCIAL NO PROCESSO DE ENVELHECER

Percebemos, atualmente, várias discussões que se ponderam a respeito do sentido entre ser ou estar “velho”. Algumas colocações se reportam à maneira tal que se identificam como o “ser velho”, por uma atribuição anatômica e fisiológica do organismo humano, já em outro ponto de vista, pode-se considerar o fato de “estar velho”, como sendo um estado (provisório/permanente) de espírito, como se fosse um *status quo* ao qual o próprio indivíduo se permite manipular ou, sobremaneira, se deixar manipular. Desta forma, ao longo dos anos, nossa sociedade culturalmente se adequou a inúmeras nomenclaturas para se referir à pessoa idosa, no sentido de amenizar a impressão ou sensação que a idade avançada possa causar. Até mesmo porque, a fase senil pode remeter o sujeito a questões ligadas à morte, perda, abandono, solidão e falta de autonomia.

Erickson (1998) discorre sobre os oito estágios do ciclo de desenvolvimento humano, conforme sua teoria psicossocial, no qual os dois últimos estágios do desenvolvimento correspondem a meia idade e a velhice propriamente dita. Desse modo, o sétimo estágio é denominado de *Generatividade versus Estagnação*. Este estágio caracteriza-se pela preocupação com o que é gerado e com o estabelecimento de orientações para as gerações que estão por vir. Essa transmissão de valores sociais é uma necessidade para o enriquecimento dos aspectos psicossociais da personalidade do sujeito na meia idade. Quando a generatividade é fraca ou não recebe expressão, sua personalidade regride e sente-se empobrecida e estagnada, pois a virtude do cuidado se desenvolve durante esse estágio. Quando, por outro lado, a generatividade é forte, surge uma dedicação à sociedade a sua volta e realização de valiosas contribuições, ou grande preocupação com o conforto físico e material dos demais.

No último estágio denominado de *Integridade versus Desesperança*, o envelhecimento pode ocorrer com sentimento de produtividade e valorização do que foi vivido, sem arrependimentos e lamentações sobre as oportunidades perdidas ou erros cometidos, o que poderá gerar impressão de integridade e ganhos, do contrário, um sentimento de tempo perdido e a impossibilidade de começar de novo trará tristeza e desesperança.

Na fase *Integridade versus Desesperança*, o autor descreve que existe um modo de ser que a pessoa alcança após ter cuidado de coisas e pessoas, planos e produções, e de ter se acomodado, no sentido de adaptação, aos sucessos, bem como aos fracassos de sua experiência de vida. Em contrapartida à integridade, quando o indivíduo não consegue vivenciar tais referências ao longo de sua vivência, surge o sentimento de desespero, sensação que surge sob a sensação de que a vida não tem valor e que a finitude é algo próximo à cada dia, neste caso, pode surgir medo e até mesmo desesperança, com desejo de morte. Não há mais ânimo para investir em qualquer ordem de natureza relacionada a uma nova qualidade de vida.

Rogers (2010) um terapeuta de grande reconhecimento, no livro “*Tornar-se Pessoa*”, expõe sua visão de homem, em que percebe o indivíduo em um constante devir. Para

tanto, genuinamente acreditava que as pessoas precisam ser aceitas e, o indivíduo, sendo aceito e compreendido em sua totalidade, move-se à caminho da “auto-realização”. Para ele, as pessoas têm plena capacidade de se auto-gerir.

A EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA

Adorno (1995, p. 121) afirma que “A educação tem sentido unicamente quando dirigida a uma auto-reflexão crítica”. Neste sentido, só se pode pensar numa educação que seja conduzida para a emancipação, quando ela nos encaminha para um processo de esclarecimento que procura, continuamente, se sobrepor à ideologia e ao sujeito impedido e criando a competência dos sujeitos concretizarem vivências que os conduzem rumo à autonomia.

Chaves (2010, p. 47) refere-se ao mundo moderno em que vivemos, o qual a “liberdade monadológica”, segundo afirma, apenas existe no plano das ideias. Todavia, o sujeito aprende desde cedo a se dispor a viver em uma sociedade que muda constantemente, e assume inovadoras relações de produção. Toda essa dinâmica existe, prontamente, para dar sentido ao fato de se viver numa sociedade que reproduz o modelo capitalista. Na opinião de Chaves: “Todos devem permanecer em movimento; no entanto, embora tudo se modifique, nada se movimenta, e a autonomia é reduzida”.

A crítica à decadência da felicidade burguesa, segundo Chaves (2010, p. 52), existe como um produto capitalizável, comum à massa (sociedade consumista) coisificada, oriunda de uma expressão fora do escopo humano, gerada por uma falsa ideia de livre escolha. Neste processo, o indivíduo se confunde no individualismo, aniquilando suas próprias reservas, o que lhe gera uma crise. Assim, confere que: “Só é possível pensar em um indivíduo autônomo e livre em uma sociedade justa e humana não marcada pela dominação”.

Em se tratando da visão crítica acirrada entre educação e o processo de emancipação do sujeito, o professor exerce um papel fundamental, no sentido de cessar o modo de barbaramento que existe em nossa sociedade. Aos alunos, deve-se dispôr a ampliação de vivências que assumam competência cognitiva de entendimento das discrepâncias e de oposição ao modo desumano de ser, impostos pela sociedade. Entretanto, para que tal fato ocorra, o professor deverá desdobrar vivências formativas em sua própria educação continuada (RESENDE, 2010).

Atualmente, por meio do conhecimento, com o intuito de assumir um compromisso social e de caráter educativo, percebe-se o surgimento de vários programas institucionais de extensão universitária voltados para o público com faixa etária acima de 60 anos, em média, denominados por Universidade Aberta à Terceira Idade. Esses programas, conforme Castro, Siqueira e Sousa (2011), se baseiam da interdisciplinaridade, a fim de atingir este público, quando da interação aluno-ensino no processo da construção do saber. Apresentam um gênero que busca a divulgação do conhecimento relacionado à temática do envelhecer. É um programa com base nos saberes biológicos, psicológicos, sociocultural, político e espiritual, pondo em vista uma tentativa de mudança na qualidade de vida e valorização do idoso, assistindo-o como um ser possível de vida independente, à maneira que ele próprio apreenda seus direitos e possibilidades de ações diversificadas. Freire (2000) concorda que, a maior parte dos idosos, possuem significativas fontes de energia para o desenvolvimento, que podem ser evocadas pelo processo de aprendizagem.

As Universidades da Terceira Idade de acordo com Neri e Freire (2000), se destacaram no que diz respeito à abrangência social da terceira idade e no que concerne a disseminar o conhecimento.

De acordo com Castro, Siqueira e outros (p. 129, 2011), referente à Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), seu objetivo é:

propiciar às pessoas de meia e terceira idade o acesso a Universidade, na forma de educação continuada, voltada para a consciência de cidadania e convivência social; estimulando a socialização, a autonomia, a independência e a relação intergeracional a partir de projetos que elevem a autoestima, favoreçam o respeito e a valorização do idoso na família e na comunidade; respeitar a diversidade humana, promovendo a integração entre os participantes do curso; exercer e incentivar a criatividade, a criticidade, o diálogo, a iniciativa e a atitude; promover melhor qualidade de vida e bem-estar aos que envelhecem; exercer, na sala de aula, práticas interdisciplinares utilizando de metodologias e práticas avaliativas considerando o paradigma racional humano e interacionista.

Ainda, Neri e Freire (2000) criticam a promoção da qualidade de vida na velhice, pois, muitas vezes, esses apelos estão imbuídos de comportamentos ligados a uma forte cadeia consumista no sentido de se parecer mais saudável. Confere também que ao Estado há o interesse que o idoso permaneça saudável, para que não gere custos. A medicina e a ciência, em geral, acompanhadas também por outras séries de abordagens disciplinares, corroboram diariamente com avanços de nível farmacológico, cirúrgico, estético que garantem a saúde e bem-estar dessa classe.

Viver um envelhecimento bem-sucedido é considerado como uma possibilidade adaptativa do ser humano, quando ele age de forma flexível às mudanças corporais, cognitivas e ambientais, no sentido de ter um saudável desempenho individual e social. A capacidade de adaptação do indivíduo se torna multifatorial, atendendo às questões biológicas, cognitivas, interpessoais, sócio-econômicas e de sua auto-percepção (FREIRE, 2000).

Uma visão pessimista ou negativa da fase senil, de acordo com Erbolato (2000), não ajuda em nada para modificar a auto-estima dos que envelhecem. Assim, é fato que os próprios idosos e profissionais que trabalham com eles devam buscar constantemente o conhecimento dos direitos dos mesmos, em relação à legislação, além de ficar atentos com o contexto social existente sobre esse grupo. Especificamente, em se tratando do especialista que trabalham com idosos, eles se depararão com pessoas conectadas, cada uma, à sua realidade de percepção do mundo, cada qual com sua auto-estima e com uma bagagem diferente quanto ao processo de envelhecimento. Em se tratando do profissional, ele “pode auxiliar o idoso em muitas situações, seja como modelo, como representante dos valores sociais, seja como relacionamento significativo, já que nem sempre a relação entre o profissional e o cliente precisa ser formal e distante” (p. 48).

Erbolato (2000) continua afirmando que informações, por si só, não são suficientes para manter o trabalho, mas é de suma importância, ao profissional se antecipar e tomar partido do que ele tem como reprodução ou modelo de “velho”. Explica que a maioria de nós constituímos a velhice como uma atribuição de aspectos apenas negativos, relativo a valores e preconceitos socialmente pré-estabelecidos.

Algumas atitudes dos profissionais cuidadores de idosos, carregadas de ideias pré-concebidas em nada ajudam, e, influenciam, sobretudo, de forma negativa a auto-estima dos idosos, tais como: Tratar o idoso como criança efêmera, como se ele não pudesse aguentar uma crítica construtiva, não o auxilia a mudar o pensamento que ele tem de si próprio; retirar do idoso a responsabilidade por suas escolhas é o mesmo que portá-lo como um incapaz; muitos

profissionais acreditam que o idoso deve passar por um processo de rejuvenescimento dos aspectos de sua velhice, buscando, até mesmo defender um estado de espírito jovial, como se houvesse algo de errado em ser como se é, diante de sua corporeidade e espírito, condizente com as vivências; Se o profissional tem repugnância em aceitar o envelhecimento, dificilmente conduzirá um bom trabalho; Comparar o idoso como, por exemplo, “nossos idosos” indica uma concepção baseada de paternalismo, como de uma incredulidade em perceber o idoso como capaz de se auto-gerir; e, por último, muitas vezes, o biológico diante do processo de envelhecer é, muitas vezes, deixado de lado, principalmente quando há uma exigência para que ele mantenha um “estado de espírito” jovem. O autor se questiona: Há algo de errado com o “espírito velho”? E, por que se desviar das transformações do corpo? (ERBOLATO, 2000).

De certa forma, os programas educativos dirigidos aos idosos buscam envolver medidas pedagógicas, no intuito de produzir opinião cada vez mais autônoma e crítica para a melhor maneira de compreender e viver o envelhecimento. Através da educação continuada o idoso tem possibilidade de atualizar-se e se permitir obter sabedoria e envolvimento em tarefas culturais, sociais, políticas e de lazer (SANTOS; SÁ, 2000).

Para melhor compreender o mundo do outro, na educação de idosos, cabe ao professor ter conhecimento quanto ao desenvolvimento físico, mental, psicossocial do idoso, além de compreender que esta fase da vida possui suas particularidades, até mesmo contando sob os estereótipos e pré-conceitos ligados ao envelhecimento. Conta-se também a referência significativa às perdas físicas, de pessoas queridas, de sua situação econômica e social etc. (SANTOS; SÁ, 2000).

Compactuando dessas facetas, o professor poderá se sentir mais participativo e próximo da realidade do idoso, propiciando aos alunos um ambiente favorável à aprendizagem, onde se estenda trocas de vivência com novas práticas, já que os alunos idosos se preocupam com o que podem fazer agora e não somente em um futuro remoto (SANTOS; SÁ, 2000).

Fala-se do homem de meia-idade, sob a perspectiva de que há sobre si o constructo social diante da produção ou elaboração da relação entre sucesso/fracasso organizado pelo indivíduo no decorrer de sua existência. Essa linha percorrida remete-nos à angústia de nossa própria finitude existencial, frente à questões ligadas à sexualidade e à maneira como nos relacionamos com nossos corpos e com o outro, não se abstraindo do conceito que temos de nossa etapa de vida frente à juventude, ideário de beleza e demais medidas de ordem estéticas e conceitos ligados à produtividade. Essa expectativa de ter de se corresponder à necessidade de produção, vinculadas com o *modus operandi* que a sociedade determina, causa medo, angústia e ansiedade às pessoas quanto ao temor de envelhecer e estas passam a centrar suas vidas no que conseguem gerar como fonte de resultado (BRUNS, 2007).

Quanto aos padrões relacionados ao envelhecimento, em se tratando dos aspectos ligados a ganhos e perdas, falamos de uma capacidade subjetiva. Embora essa percepção seja relativa, a avaliação que se faz do indivíduo saudável, combinam aspectos de longevidade, existência de patologias e a preservação da capacidade adaptativa do organismo (NERI, 2001).

Segundo Freire e Resende (2001), também é crucial o sentido pessoal pelo qual o indivíduo converge ao sistema de crenças que ele tem estabelecido, que se move como meta de vida a ser alcançada. O sentido de vida, portanto, é diferente para cada pessoa e é dirigido conforme os valores e forma de percepção da própria experiência vital.

Saviane (2005) define que o ato educativo é a ação de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade, que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. A compreensão da natureza da educação se dá enquanto um trabalho não-material, cujo produto não se separa do ato de produção, o que permite situar a especificidade da educação referida aos conhecimentos, às ideias, aos conceitos, valores, atitudes, hábitos, símbolos, elementos necessários à formação da humanidade em cada indivíduo singular. Este processo se produz, deliberada e intencionalmente, através de relações pedagógicas historicamente determinadas, que se travam entre os homens. A partir daí, abre-se à particularidade dos estudos pedagógicos (ciência da educação) e à descoberta de formas adequadas para atingir este objetivo (CARNEIRO; SIQUEIRA et al., 2009).

No processo educativo, só se aprende, de fato, quando se adquire o habitus, quando o objeto de aprendizagem se converte numa espécie de segunda natureza. Pela mediação da escola, dá-se a passagem do saber espontâneo (cultura popular) ao saber sistematizado (cultura erudita). Esse movimento é dialético, isto é, a ação escolar permite que se acrescentem novas determinações que enriquecem as anteriores e estas de forma alguma são excluídas, pois são reincorporadas pela interpretação científica.

Reafirmando, a educação é um processo de formação e de aprendizagem socialmente elaborado e destinado a contribuir para a promoção da pessoa humana enquanto sujeito que pode tanto conservar como transformar a sociedade. Desta maneira, o papel do educador é estar atento ao momento histórico vivenciado, promovendo a interação entre o conteúdo trabalhado, as vivências e o contexto social em que se está inserido.

De um lado, os educadores são chamados a uma ação pragmática e ativista diante da realidade excludente no mundo do trabalho e no mundo da educação. São chamados a executar propostas de educação concebidas de modo aligeirado, sob pressão do próprio senso comum das classes populares, que anseiam urgentemente por novas condições de sobrevivência, ou sob a pressão da demanda do capital, que anseia por novas formas de superação da crise de suas taxas de lucro.

De outro lado, os educadores enfrentam os riscos/conflitos de caírem no idealismo de propostas de ação educativa descoladas do real que, como resultado, se identificam com o imobilismo que não leva a nada, pois a práxis é a unidade promovida entre a teoria e a ação, que oportuniza e é capaz de superar estes riscos.

Praxis para Konder (1992, p. 115) é a

atividade concreta pela qual os sujeitos humanos se afirmam no mundo, modificando a realidade objetiva e, para poderem alterá-la, transformando a si mesmos. É a ação que, para se aprofundar de maneira mais consequente, precisa da reflexão, do auto-questionamento, da teoria; é a teoria que remete à ação, que enfrenta o desafio de verificar seus acertos e desacertos, cotejando-os com a prática.

Ou seja, a reflexão e a ação, a teoria e a prática tencionam-se e fecundam-se respectivamente, ainda que seja na prática que as teorias sejam testadas, reconstruídas e historicamente validadas. Por isso é necessária uma atitude crítico-prática.

Uma vez que a ideologia precisa ocultar a exploração de tal modo que os explorados acreditem na legitimidade da existência de desigualdade, e da justiça da existência das classes sociais. Na realidade,

se a dominação e a exploração de uma classe for perceptível como violência, isto é, como poder injusto e ilegítimo, os explorados e dominados se sentem no justo e legítimo direito de recusá-la, revoltando-se. Por este motivo, o papel específico da ideologia como instrumento da luta de classes é impedir que a dominação e a exploração sejam percebidos em sua realidade concreta (CHAUÍ, 2006, p. 103).

Assim, a função da ideologia é dissimular, ocultar a existência das divisões sociais e de classes, escamoteando a sua função, isto é, servir a uma classe dominante.

Portanto, o que a ideologia quer ocultar é que o capital é trabalho humano acumulado de anônimos trabalhadores; é um produto social contraditoriamente acumulado nas mãos dos capitalistas. Ou seja, capital é trabalho não pago. De acordo com Chauí (2006) a ideologia representa o real e a prática social através de uma lógica coerente. Esta lógica ideológica é lacunar, isto é, nela os encadeamentos se realizam não a despeito dos silêncios (das lacunas), mas graças a elas; sua coerência depende de sua capacidade de ocultar sua própria gênese, que é a divisão social de classe, ou seja, deve aparecer como verdade já feita e já dada, desde todo o sempre, como um fato “natural” ou “eterno”. Reafirmando Chauí (2006, p. 72): “Ideologia não é um processo subjetivo consciente, mas um fenômeno objetivo e subjetivo involuntário produzido pelas condições objetivas da existência social dos indivíduos”.

Os indivíduos, certamente, não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura. Eles se fazem, também, através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e estar no mundo, formas de falar e agir, condutas e posturas apropriadas, na maioria das vezes diversas. Os indivíduos se produzem, portanto, nas e pelas relações sociais de poder que são assimiladas como um sistema de valores, ideias, práticas, preconceitos, dogmas etc.

O papel da educação é construir novos sujeitos, novas subjetividades, para isso é preciso correr o risco de desvelar as contradições da sociedade capitalista, organizar-se e preparar educadores e educandos para lutar pela humanização crescente para mudar as bases sociais na construção de uma nova ordem social.

O importante é considerar a educação das e pelas pessoas da Terceira

Idade sempre baseada no desejo de auto-realização, nas relações sociais, na melhoria da qualidade de vida, no desenvolvimento de potencialidades, numa aprendizagem continuada e na motivação pelo reconhecimento. Enfim a educação na terceira idade deve ser uma educação que busque a criticidade, o conhecimento em sua forma mais ampla que envolva a “curiosidade epistemológica” que de acordo com Freire (2004) convoca o sujeito a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de comparar, questionar, de pensar e refletir.

EDUCATION IN THE THIRD AGE

Abstract: discusses the understanding and perception of old age and its representation psychosocial. Recognizes the body's attempt, as a self-management can be, towards autonomy in the face of a society that walks each day to individualism. Education is an emancipatory project and evolution, which seeks to understand the meaning of the elderly, the physical, psychological, socio-cultural and economic.

Keywords: *Aging. Third age. Emancipatory education. Society; Public politics.*

Referências

- ADORNO, T. Educação e Emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- BEAUVOIR, S. Velhice. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.
- BRUNS, P. L. S. M. A. T. O corpo em transformação: silenciosa passagem pelo tempo. In: BRUNS, M. A. T.; DEL-MASSO, M. C. S. (Orgs.). Envelhecimento humano: Diferentes perspectivas. São Paulo: Alínea, 2007.
- Carneiro, M. F.; Siqueira, T. C. B. et al. Algumas Reflexões sobre Educação e Trabalho. In: Simpósio Brasileiro de Política e Administração da Educação. III Congresso Interamericano de Política e Administração da Educação. Vitória (ES): UFES/CE/PPGE, 2009 – Edição Revisada.
- CASTRO, M. B.; SIQUEIRA, T. C. B.; SOUSA, I. F. Curso Unati: uma prática exitosa do programa de Gerontologia Social da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. In: OLIVEIRA, R. C. S.; ALENCAR, R. S. D'. (Orgs.). As experiências de universidades abertas em um Brasil que envelhece. Curitiba: CRV, 2011. p. 125-139.
- CHAUÍ, M. O que é ideologia. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- CHAVES, J. C. A concretização e a promessa do ideário Burguês de liberdade e de felicidade. In: RESENDE, A. C. A.; CHAVES, J. C. (Orgs.). Psicologia Social: Crítica Socialmente Orientada. Goiânia: Ed. da UCG, 2010. p. 35-57.
- CORDEIRO, A. P. Envelhecimento e arte: As oficinas de teatro da UNATI-UNESP de Marília em cena. In: BRUNS, M. A. T.; DEL-MASSO, M. C. S. (Orgs.). Envelhecimento humano: Diferentes perspectivas. São Paulo: Editora Alínea, 2007.
- ERBOLATO, R. M. P. L. Gostando de si mesmo: A auto-estima. In: NERI, A. L.; FREIRE, S. A. (Org.). E por falar em boa velhice. São Paulo: Papirus, 2000.
- FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- FREIRE, S. A. Envelhecimento bem-sucedido e bem-estar psicológico. In: NERI, A. L.; FREIRE, S. A. (Org.). E por falar em boa velhice. São Paulo: Papirus, 2000.
- FREIRE, S. A. Sentido de vida e envelhecimento. In: NERI, A. L. (Org.). Maturidade e velhice. São Paulo: Papirus, 2001.
- Erikson, E. H. e Erikson, J. (1998): O ciclo da vida completo. Porto Alegre: Artes Médicas.
- KONDER, L. O futuro da filosofia da práxis. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- LASLETT, P. (1987). The Emergence of the Third Age. *Ageing and Society*, 7, p. 133-160 doi:10.1017/S0144686X00012538
- MOODY, H. R. Philosophical presuppositions of education for old age. *Educational gerontology*. Barcelona: CEAC, 1989.
- NERI, A. L. O fruto dá sementes: Processos de amadurecimento e envelhecimento. In: NERI, A. L. (Org.). Maturidade e velhice: Trajetórias individuais e socioculturais. São Paulo: Papirus, 2001 (Coleção Vivacidade).

- NERI, A. L.; FREIRE, S. A. Apresentação: Qual é a idade da velhice? In: NERI, A. L.; FREIRE, S. A. (Org.). E por falar em boa velhice. São Paulo: Papirus, 2000.
- OLIVEIRA, R. de C. Terceira idade: do repensar dos limites aos sonhos possíveis. São Paulo, Paulinas, 1999.
- RESENDE, M. R. S. Professor Universitário: Formação cultural, emancipação e autonomia. In: RESENDE, A. C. A.; CHAVES, J. C. (Orgs.). Psicologia Social: Crítica Socialmente Orientada. Goiânia: Ed. da UCG, 2010. p. 141-164.
- ROGERS, C. R. Tornar-se pessoa. (Trad. Manoel José do C. Ferreira e Alvamar Lamparelli). 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- SANTOS, A. T.; SÁ, M. A. A. S. De volta às aulas: ensino e aprendizagem na terceira idade. In: NERI, A. L.; FREIRE, S. A. (Org.). E por falar em boa velhice. São Paulo: Papirus, 2000.
- SAVIANI, Dermeval. Pedagogia histórica – crítica. 9.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- Valentini, M. T. P.; Ribas K. M. F. Terceira Idade: tempo para semear, cultivar e colher. In: Analecta. Guarapuava, Paraná v. 4 no 1 p. 133-145 jan/jun. 2003